

A CELEBRAÇÃO DOS CONCEITOS DE LUGAR E SÍMBOLO NA GEOGRAFIA HUMANÍSTICA

DOI: 10.4025/revpercurso.v8i2.31786

Letícia Alves Pessanha

Mestranda em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professora do ensino básico nas Redes municipal e estadual. Email: leticiapessanharj@gmail.com

RESUMO: A Geografia humanística consolida-se, de fato, no início da década de 1970, em meio a um contexto de mudanças de padrões culturais e políticos, preconizando a subjetividade humana e a valorização do ambiente terrestre, com o emprego do aporte fenomenológico para compreensão do mundo vivido. Essa introdução da fenomenologia no pensamento geográfico conduz ao reconhecimento e exaltação do conceito de lugar como essencial na nova perspectiva humanística, que até o instante era secundário na disciplina, almejando assim, o entendimento desse mundo humano, dos sentimentos e pensamentos, do comportamento geográfico dos homens. Neste bojo, o aprofundamento teórico concernente aos conceitos de lugar e símbolo, pretende uma melhor compreensão dessas categorias importantes para uma geografia mais humana. À luz do horizonte humanístico, linha que valoriza as relações afetivas entre os indivíduos, grupos sociais, e o seu ambiente, considerando as experiências geográficas de cada um e a Terra como o lar das pessoas, além do fato das pessoas por meio dos seus entendimentos estabelecerem vínculos de dominância e afetividade com seus lugares.

Palavras-chave: Lugar; Símbolo; Geografia Humanística.

THE CELEBRATION OF PLACE AND SYMBOL CONCEPTS IN HUMANISTIC GEOGRAPHY

ABSTRACT: Humanistic Geography consolidates, in fact, in the early 1970s, between a context of changing in cultural and political standards, it professes the human subjectivity and the appreciation of the Earth's environment, with the use of phenomenological contribution to understand of the world we live. This introduction of phenomenology in geographical thought leads to recognition and exaltation of the concept of place as essential in the new humanistic perspective that until that moment was a secondary discipline, aiming thus the understanding of this human world, their feelings and thoughts and their geographical behavior. In this bulge, the theoretical study concerns the concepts of place and symbol; it intends a better understanding of these important categories for a more human geography. From an humanistic perspective, a line of studies that values personal relationships between individuals, social groups, and their environment, considering the geographical experiences of each human being and the earth as the home of these people, besides the fact that people through their understanding establish dominance and affectivity ties with their places.

Key-words: Place; Symbol; Humanistic Geography.

1 INTRODUÇÃO

A geografia humanística se tornou um campo independente da geografia cultural nas décadas de 1970 e 1980, principalmente pelas suas críticas ao empiricismo e ao idealismo, pela valorização do indivíduo, pela sua repulsa aos paradigmas e por fim, a sua procura por métodos alternativos (HOLZER, 2012a). Há uma “emancipação da humanidade” (HOLZER, 2012a, p. 175), do saber exploratório do homem como sujeito, como cerne do conhecimento.

Outro ângulo pertinente apontado por Holzer (2012a, p. 175) “é que nunca houve um afastamento efetivo da geografia cultural”, todavia uma demanda por diferenciar os que não empregam o positivismo como método. Visto que desde o princípio o humanismo dentro da geografia buscou novas perspectivas metodológicas.

Essa vertente da geografia é “uma perspectiva que focaliza o homem no centro de todas as coisas” (FERNANDES, 2014a, p. 78) e estabelece a restituição do campo geográfico ao conjunto do mundo da vida, com seu dinamismo e relações sociais (BONNEMAISON, 2002). “O humanismo implica também no pensar, no experienciar e no perceber todas as pessoas em sua individualidade e como comunidade ou cultura” (PÁDUA, 2013, p. 29), examinando o mundo vivido dos homens, com seus significados, valores, metas e propósitos. O conceito de lugar se tornou chave desse pensamento focado no homem.

Neste contexto, o presente artigo se traduz em um esforço no sentido de desvelar/elucidar os conceitos de lugar e de símbolo segundo a corrente do pensamento geográfico humanística, sempre preocupada em compreender as vivências dos indivíduos e grupos sociais. O texto compartilha dos princípios e conceitos dessa geografia, tencionando expor categorias de análise úteis para o estudo do caráter simbólico dos lugares. Um dos preceitos da geografia supracitada consiste em reconhecer a alma dos lugares com base nas experiências do dia-a-dia.

Nessa senda, essa Geografia se consolida, de fato, no início da década de 1970, em meio a um contexto de mudanças de padrões culturais e políticos, preconizando a subjetividade humana e a valorização do ambiente terrestre, com o emprego do aporte fenomenológico para compreensão do mundo vivido. Contudo, a utilização da fenomenologia enquanto subsídio teórico-conceitual se iniciou na década de 1920, por autores como, Sauer, Dardel e Lowenthal (HOLZER, 1998; 2010).

A introdução da fenomenologia no pensamento geográfico conduz ao reconhecimento e exaltação do conceito de lugar como essencial na nova perspectiva humanística, que até o instante era secundário na disciplina (HOLZER, 2012b), almejando assim, o entendimento desse mundo humano, dos sentimentos e pensamentos, do comportamento geográfico dos homens (TUAN, 1985).

Essa filosofia desempenha o papel de subsídio teórico e conceitual para uma geografia interessada no homem, nos sujeitos, em conferir voz aos anônimos que fazem, praticam e vivem geografias, visando compreender as “coisas mesmas” do mundo vivido.

Diante disso, enquanto método, a fenomenologia apresenta uma prática extremamente contrária a todas as características predominantes durante o século XIX. Na geografia, esta emerge auxiliando este saber em meio ao movimento humanista que eclodiu na década de 1970 nos Estados Unidos, visando humanizar a geografia que, ao querer ser ciência havia se esquecido do seu lado humano. Nesse bojo, a abordagem fenomenológica se insere de forma organizada ao corpo do pensamento geográfico (MARANDOLA JR., 2013), transformando-se na base para a renovação do pensar geografia. Com isso, o conjunto de autores dessa hodierna tendência estruturam uma nova abordagem epistemológica para nossa ciência, que a partir de então verifica-se por diferentes autores como uma tríplice: um horizonte neopositivista, um marxista e um humanista (MARANDOLA JR., 2013).

O humanismo suscitou na geografia a investigação do pensar, da experiência e dos sujeitos em sua individualidade recuperando o elo perdido entre o mundo acadêmico e as pessoas. Nessa trilha, a reflexão se volta para uma geografia interessada em quem vive e experimenta o mundo, nos seus saberes, caminhos e lugares.

Para Tuan (1985), o humanismo tem muito a contribuir com a ciência, pois muitas vezes os cientistas encerrados em suas convicções conceituais não estão conscientes da infinidade de pautas e assuntos a serem investigados. Nesta trilha, para desvendar os temas pertinentes a esse campo do saber, o “geógrafo humanista deve ter um interesse penetrante na filosofia” (TUAN, 1985, p. 160-161), uma vez que apenas a filosofia proporciona uma visão unificada por meio da avaliação sistemática de uma série de fenômenos a serem estudados. Do ponto de vista de Tuan (1985, p. 161), “o humanista deve procurar uma filosofia adequada ao seu objetivo, para que, sem

esse fundamento o seu trabalho não se converta em uma “esotérica desarticulada” (TUAN, 1985, p. 161), uma pesquisa sem embasamento, sem fundamentação.

Yi-Fu Tuan (1985) realizou a seguinte indagação: “Que efeito tem um humanista sobre o mundo real?” De modo geral, esse geógrafo contribui para o bem-estar humano. Contudo, a competência de um humanista se encontra na capacidade de interpretação da experiência humana em sua ambiguidade, ambivalência e complexidade, revelando “como o lugar é um conceito e um sentimento compartilhado tanto quanto uma localização e um ambiente físico” (TUAN, 1985, p. 162). Essa é a missão de quem opta por mergulhar no humanismo, dessa forma, procurar penetrar no íntimo das pessoas e trazer seus sentimentos espaciais para as pesquisas.

Dessarte, essa linha do pensamento geográfico reconhece as relações afetivas entre os indivíduos e grupos sociais com o seu ambiente, mergulhando na subjetividade humana e nas filosofias – fenomenologia, existencialismo, idealismo e hermenêutica – para aprofundar o sentido de lugar como experiência geográfica dos seres humanos (MELLO, 2011; LEITE, 1998). Dessa maneira, o lugar emerge enquanto conceito-chave na corrente humanística da Geografia “advindo da noção fenomenológica do mundo vivido emocionalmente modelado e introjetado” (MELLO, 2005, p. 24), por meio das emoções, dos sonhos, dos caminhos, dos conflitos, das incertezas, de toda sorte de experiências que conduzem as pessoas ao sentimento de pertencimento, de minha casa, meu lar ou lugar.

Para um aprofundamento teórico pretendido, o presente texto inicia um apanhado sobre os conceitos de lugar e símbolo a luz do horizonte humanístico, linha que valoriza as relações afetivas entre os indivíduos, grupos sociais, e o seu ambiente, considerando as experiências geográficas de cada um e a Terra como o lar das pessoas, além do fato das pessoas por meio dos seus entendimentos estabelecerem vínculos de dominância e afetividade com seus espaços. Essa reflexão almeja uma melhor compreensão dessas categorias importantes para uma geografia mais humana (TUAN, 2012).

2 O conceito de lugar na corrente humanística

O lugar tem recebido diferentes interpretações nas correntes do pensamento geográfico. Por conseguinte, tem sofrido diversas modificações em sua significação ao longo do tempo. Esse

se constitui em um dos conceitos-chave (CORRÊA, 2010a) da geografia, que nos últimos tempos, recebeu um tratamento mais apurado por este campo do saber. Durante um longo período, os geógrafos empregaram o conceito somente com o significado de localidade, sobretudo os ligados às perspectivas positivista e marxista. Dessa forma, o lugar, sob essas acepções, se encontrava em um nível secundário nas preferências para os estudos (HOLZER, 2003; 1999).

Cabe ressaltar que, hodiernamente, o destaque para o lugar se harmoniza com a emergência de teorias que pretendem evidenciar o mundo vivido à luz das filosofias do significado, a saber, vale repetir: fenomenologia, hermenêutica, idealismo e existencialismo. A investigação da experiência geográfica no mundo vivido conduziu para uma escala íntima, da cama, da casa, da rua, do bairro ou/até uma escala simbólica da pátria, do continente, expressa por meio da vivência, da interiorização, da identidade, da essência (MARANDOLA JR, 2012). E, nestes tempos de preocupação ecológica e da globalização, até mesmo o amor e a preocupação a respeito do Planeta Terra. Esta é a concepção sobre o lugar da vertente humanística, campo que critica e se opõe, principalmente, ao positivismo que descarta a filosofia e “deixa de fora os sentimentos, emoções, experiências e tudo que é humano” (HUSSERL *apud* RELPH, 2012, p. 19), além de desconsiderar as relações de afetividade das pessoas com os ambientes naturais e humanizados. Ao encontro disso, o humanismo na geografia considera a inseparabilidade sujeito-objeto. Ao mesmo tempo, investiga a experiência vivida, os entendimentos e a benquerença para com o meio, se constituindo em uma ciência para além do paradigma positivista com sua razão, certeza, lógica e precisão.

As definições de lugar são abundantes e o seu sentido pode variar bastante de acordo com as teorias e os autores. Na busca pela interpretação desse conceito, encontramos sua origem no latim, *locus/local*. Este vocábulo, no dicionário, significa espaço ocupado, local, localidade, povoação. Logo, sua essência, desde sua gênese, diz respeito a relação homem e ambiente. No âmbito da humanização da geografia, emerge a partir do habitar, da experiência, da pausa no movimento, dos ritmos. “É o lugar experienciado como aconchego que levamos dentro nós” (OLIVEIRA, 2012, p. 15). O afeto, o pertencimento, o envolvimento, a intimidade e significação, tornam-se o meu lugar, o meu aconchego, o meu lar, onde acalento meus sonhos.

Desse modo, o lugar é segurança, é meu lar, que se encontra entrelaçado no meu eu. O pensador Yi-Fu Tuan (2013, p. 11) acrescenta “não há lugar como o lar. O que é lar? É a velha casa, o velho bairro, a velha cidade ou a pátria”. É o lar/lugar como centro de intensas experiências íntimas, transcendentais e, por vezes, inexplicáveis, como lembra o geógrafo Edward Relph (2012), e mesmo próprias das vivências apreendidas e interiorizadas e, portanto, familiares.

O lugar encontra-se nas rotinas, nos percursos e nas experiências. Através da memória e do encontro participa da construção de nossa identidade, podendo assomar em várias escalas do vivido seja em uma sala, praça, igreja, jardim, bar, atalho ou montanha. Uma característica de lugar é a falta de definição *a priori* de escala e de temporalidade (MARANDOLA JR., 2012). Ao investigar um grupo social, por exemplo, identificamos seus lugares, e podemos evidenciar sua variedade de escalas, vistas como móveis e reconstruídas nos processos de investigação da realidade (MOORE, 2008), despontando nas vivências de cada um (CHAVEIRO, 2012), como também as temporalidades, dadas pela memória plena do lugar de lembranças, de saudade, de identidade.

O geógrafo Tuan (2013) define três correlações entre tempo e lugar. O tempo quando visto como movimento ou fluxo, logo, lugar é uma pausa no contínuo temporal. Isto posto, “o tempo humano está marcado por etapas, assim como o movimento do homem no espaço está marcado por pausas.” (TUAN, 2013, p. 240). O afeto por um lugar pode levar tempo, mas uma intensa vivência torna-se mais relevante que a duração da mesma. A memória de lugares do passado pode ser cultivada ou não. “Estar arraigado em um lugar é uma experiência diferente da de ter e cultivar um “sentido de lugar”.” (TUAN, 2013, p. 240). Um segmento social pode viver muitos anos em local, possuir ligações profundas com seus objetos, contudo, não valorizar a preservação do passado e da memória do lugar.

O tempo e o lugar permeiam todas as esferas da vida humana. O geógrafo Côrrea (2011a) ressalta a importância de inserir o tempo nos estudos de geografia, principalmente ao se estudar simbolismos do passado que permanecem presentes na memória e nos lugares. O conceito de tempo percorre os estudos geográficos (HORNEBECK, D. ETAL, 1995) e quando estudamos o lugar das pessoas e seus símbolos não é diferente. Pois, no desenrolar do tempo e até ao mesmo tempo, lugares podem ser transitórios e/ou eternos (MELLO, 2011; 2012).

No aporte humanístico, o lugar, o milagre da experiência, foi desenvolvido por meio de aproximações com a fenomenologia de autores como Husserl e Heidegger, nos trabalhos de Yi-Fu Tuan, Anne Buttmer, Edward Relph, David Seamon, e, especificamente no Brasil, pelos autores WertherHolzer, João Baptista Ferreira de Mello, Eduardo Marandola Jr. e Livia de Oliveira. Estes são alguns pioneiros na investigação da perspectiva das conexões dos homens e seus lugares.

Diante disso, a oposição espaço e lugar transpassa à fecunda obra de Yi-Fu Tuan. Considerando a experiência humana para diferenciá-los, o autor explora uma relação dialética entre esses conceitos, “o espaço é oposto ao lugar, como o disforme é oposto ao formado” (TUAN, 2011, p. 5). Por conseguinte, lugar constitui-se complementar e antagônico ao espaço.

Algumas distinções afloram com esse pensamento, espaço é abstrato, liberdade e movimento e o lugar é segurança, estabilidade e pausa (TUAN, 1998; MELLO 2000). Logo, por meio da experiência o espaço indiferente alcança um valor que o permite se transformar em lugar (TUAN, 2013). A compreensão das ideias de espaço e lugar, não dissociados, mas como constituintes de duas faces da mesma moeda, como acentua Livia de Oliveira (2013), que se diferenciam no cotidiano, conduzem, assim, ao seguinte pensamento:

a perspectiva da experiência permite isolar os conceitos, que na realidade constituem uma moeda, com dois lados. Espaço e lugar são essencialmente, inseparáveis e permeiam nossas percepções, nossas atitudes e nossos valores de visão de mundo” (OLIVEIRA, 2013, p. 92).

O espaço alheio, frio, estranho distingue-se do lugar repleto de significados e, por isso mesmo, valorizado, experienciado por entre os sentidos envolvidos por sentimentos, valores, pertencimento e entendimento, por induzir o ser humano a sentir-se em casa. O conceito lugar aprofundado por Tuan ao longo de sua obra, tornou-se chave na perspectiva humanística e o premiado geógrafo com seu nome firmou-se como um expoente (MELLO, 2001). À luz dos princípios das filosofias do significado, os termos espaço e lugar são elevados às categorias de análise e se fundem com a própria trajetória da citada corrente (DANIELS, 1985).

O espaço passa a ser lugar por meio da convivência, experiência repetida e do significado (TUAN, 2013). Os seres humanos utilizam o corpo, com seus sentidos, paladar, tato, olfato,

audição e visão para sentir o ambiente e a ele conectar-se, que com o tempo torna-se familiar, lar, lugar tão essencial para a sobrevivência humana (TUAN, 2014). Mas, estes sentidos e percepções não explicam em toda plenitude o sentimento e o entendimento das pessoas com relação aos seus lares/lugares. Como afirma Buttimer (1985) a percepção não capta a beleza, a fragrância e o ritmo dos lugares. A conexão corpo e lugar é existencial, não há corpo fora do lugar, ser é ter um corpo e um lugar e/ou lugares, nossas trajetórias diárias e experiências mostram que “o corpo é, de fato, um guardador de lugares” (CHAVEIRO, 2012, p. 253), por intermédio dele, sentimos e apreendemos o lugar.

A ligação de amor entre o indivíduo e o ambiente foi denominada por Yi-Fu Tuan de *Topofilia*, uma vivência baseada no envolvimento e na afeição com o lugar (TUAN, 2012). Neste particular, o conceito considera a noção de meio ambiente a partir da percepção, atitudes e valores, uma visão contextualizada pela experiência humana (OLIVEIRA, 2013). Na obra, entre outras colaborações, Tuan estabelece as noções pertinentes à Topofilia, o elo afetivo entre o homem e o lugar, e Topofobia, a aversão a espaços e lugares, afora o Topocídio, a morte deliberada dos lugares e a Toporreabilitação, referente à restauração dos lugares.

O lugar é criado, construído pelas pessoas que nele vivem, que o experienciam, lhe conferem significado e sentido (BUTTIMER, 2015). O empenho em desvendar os valores e o dinamismo do mundo vivido, e de geografias íntimas e coletivas perpassa toda a obra de Anne Buttimer. A autora, expoente da geografia humanística, buscou nas filosofias do significado, como a fenomenologia e a hermenêutica, fonte para seus estudos sobre o universo vivido dos indivíduos e grupos sociais (MELLO, 2005).

Para a geógrafa, a fenomenologia fornece caminhos para uma investigação humanística na geografia, examinando o enredo de significados, ritmos, movimentos e da própria vida do homem no seu lugar/lar (MELLO, 2000; 2005). À vista disso, “o mundo vivido, na perspectiva geográfica, poderia ser considerado como o substrato latente da experiência” (BUTTIMER, 1985, p. 185). A experiência humana é elemento fundamental nessa geografia centrada no sujeito. Experienciar permite desenvolver relações de envolvimento, ternura, proximidade ou de distância, desconforto, não envolvimento, e com isso, aprender com a própria vivência a facultar significado às pausas, ao ambiente, ao vivido, ao lugar (TUAN, 2013).

O lugar enquanto fenômeno da experiência foi tratado pelos humanistas da geografia com uma abordagem fenomenológica para que a essência do lugar pudesse florescer, pois é na experiência cotidiana que nasce o lugar (RELPH, 2012). Para Edward Relph, um dos precursores da geografia humanística, o lugar não é apenas ter raízes ou conhecer o bairro, a cidade. Em suas palavras,

o núcleo do significado de lugar se estende, penso eu, em suas ligações inextricáveis com o ser, com a nossa própria existência. Lugar é um microcosmo. É onde cada um de nós se relaciona com o mundo e onde o mundo se relaciona conosco (RELPH, 2012, p. 31).

Os seres humanos, na qualidade de sujeitos, produzem os lugares de pertencimento e identidade, e conseqüentemente, são modelados por esses. Sujeito e lugar exercem papéis imprescindíveis na construção da experiência humana (BERDOULAY; ENTRIKIN, 2012). O lugar é o universo vivido de significados estruturados em diversos tempos, são trajetos, artefatos, percursos, monumentos, prédios, que se traduzem em lugares plenos, íntimos e significativos (OLIVEIRA, 2012).

Os lugares, enquanto ambientes conhecidos, são dotados de significados impregnados de emoções e histórias. O lugar supera o seu sentido de localização por meio da existência, experiência, sentimentos e memórias humanas (NOGUEIRA, 2013). Ser-no-mundo, existir e experienciar necessitam de um referencial espacial, a experiência de lugar consolida a existência humana (MARANDOLA JR., 2005). Nessa direção, Chaveiro (2012, p. 277) contribui: “experimenta-se os lugares com os órgãos, com as vontades, com o desejo, mediante as ações sociais do trabalho, afetivas, sensoriais e no logro dos conflitos do mundo”. O lugar é base da experiência com o mundo, é encontro, envolvimento, permanência, identidade, representação do sentido de ser/existir (MARANDOLA JR., 2012).

O horizonte humanístico considera o lugar como parte do ser, diz respeito à apropriação por meio da experiência humana (MELLO, 2007; 2003). Dessa forma, cada criatura constitui-se em um geógrafo informal (LOWENTHAL, 1985), “capacitado para discorrer sobre a alma dos lugares, por ser o homem quem produz, aprende, vive e transmite geografia” (MELLO, 2007, p.

4). Por isso, convém considerar os conhecimentos de outras fontes além da científica, uma vez que, o lugar situa-se entre os pulsares da vivência, indo muito além de definições teóricas (SARAMAGO, 2012).

Os seres humanos desenvolvem referenciais afetivos construídos durante uma vida, experimentados a partir da apreciação visual, da audição, do olfato, do paladar e do tato, e bem mais do que isso constituindo laços profundos de pertencimento, envolvimento, significação, referência, intimidade, valorização e posse do lugar, visto enquanto, lar, “morada familiar”, mundo propriamente vivido e apropriado (LEITE, 1998; HOLZER, 2003; MELLO, 2003).

Nesta trilha, os lugares podem ser entes queridos, convertidos em símbolos, tecidos pela experiência, confiança e afeição, constituintes dos lugares simbólicos nos percursos da vida. A definição de lar/lugar/símbolo procede de significados estabelecidos pela identidade, referência e pelo simbolismo criados no lugar, entendido como,

um mundo filosófico e vivido, existencial e coletivo, de enraizamentos, fé e conagração tecido por meio da permanência, o estoque de conhecimento, a herança cultural e envolvimento que conduzem à posse e a afeição denotando pertencimento, aconchego e intimidade, mas também lutas e glórias, enfim, uma "morada familiar" ou lar, por excelência, seja ao nível individual, seja público, compartilhado e forjado por intermédio de edificantes significados (MELLO, 2007, p.4).

A formação da identidade com o lugar submete-se ao vínculo criado, a partir da experiência, dos caminhos, da permanência e dos símbolos entre o indivíduo ou grupo social com toda a essência que envolve o lugar, conduzindo a criação dessa identificação, pois, o “habitué” de um lugar se apodera, simbolicamente, dos logradouros, das construções, dos artefatos, dos aspectos naturais presentes em seus trajetos (MELLO, 2011). Assim, a extinção ou degradação de um objeto causa ressentimento e manifestações contrárias, pois influencia as pessoas e as suas vidas. Destarte, o lugar

por possuir identidade, carga, caráter e fervor simbólicos – é repleto de simbolismo estabelecido por elementos (materiais e imateriais) que evocam inúmeros significados à base territorial experienciada. O próprio lugar é um símbolo de afetividade, bem querência, satisfação, felicidade e conagração. Lugares e símbolos adquirem profundo significados antes através dos laços emocionais tecidos ao longo dos anos (FERNANDES, 2010, p. 49).

Dessa forma, os lugares transcendem sua materialidade quando indivíduos e grupos sociais lhe atribuem, por meio de suas geografias vividas, pulsantes e íntimas, significado e importância (MELLO, 2012).

3 A categoria símbolo para a geografia humanística

A partir do momento em que um artefato ganha status de lugar transcendendo a sua condição original revela-se muito além disto, emergindo e se consolidando como símbolo, “entendido como emblema ou interpretação do significado de determinado elemento simbólico” (FERNANDES, 2014b, p. 2), surgindo por intermédio do afeto, do envolvimento e da vivência. Nas últimas décadas esse conceito tem recebido atenção nas pesquisas humanistas e culturais, principalmente nos estudos relativos ao aspecto subjetivo do lugar (FERNANDES, 2014b).

Na concepção de Mello (2003), os lugares encontram-se repletos de símbolos, assim, como defendem os geógrafos do horizonte humanístico, revelando-se as porções do espaço que se tornam lugares com relevante significação diante do todo, forjados pelo sentimento, reconhecimento e experiência vivida.

Em relação ao simbolismo, três autores da geografia se destacam, Yi-Fu Tuan, Roberto Lobato Corrêa e Jöel Bonnemaison, cada um em suas linhas de pesquisa estabelecendo conceitos concernentes à significação e ao simbólico.

Nesse quadro, o geógrafo Tuan, em seu livro, já citado, “Topofilia” dedicado ao estudo da afeição e envolvimento com o meio ambiente, desenvolveu a categoria de simbolismo. O autor ressalta,

um símbolo é uma parte que tem o poder de sugerir um todo: por exemplo, a cruz para a Cristandade, a coroa para a monarquia, e o círculo para a harmonia e perfeição. [...] O costume de estruturar o mundo em substâncias, cores, direções, animais e traços humanos, estimula uma visão simbólica do mundo (TUAN, 2012, p.43).

Um símbolo, quando citado, remete diretamente à sua parte integrante, pois consiste em elemento fundamental de sua totalidade. O autor supracitado ensina: “a cidade é um lugar, um centro de significados, por excelência. Possui muitos símbolos bem visíveis. Mais ainda, a própria cidade é um símbolo” (TUAN, 2013, p. 211).

Para o geógrafo, “um símbolo é um repositório de significados” (TUAN, 2012, p. 203). Essas interpretações afloram nas experiências mais profundas através de um prolongado tempo. No tocante às experiências, os símbolos podem surgir por meio de acontecimentos singulares, variando seu significado de um indivíduo para o outro e de uma cultura para a outra. Em nicho diverso, símbolos nascidos em “experiências comuns à maior parte da humanidade, tem um caráter mundial” (TUAN, 2012, p. 203).

O consagrado geógrafo Roberto Lobato Corrêa (2009) define como formas simbólicas representações resultantes da relação entre significados e linguagem. Os diversos grupos sociais produzem e reproduzem significados para as formas, uma característica das mesmas se constitui a polivocalidade. Pois, as interpretações empreendidas aos símbolos não são únicas, cada indivíduo ou grupo social constrói a sua leitura.

Nessa trilha, os símbolos consistem em traços humanos essenciais, uma vez que, toda conduta humana é simbólica (CÔRREA, 2007b). Nas palavras do citado pesquisador, “as formas simbólicas tornam-se espaciais quando diretamente relacionadas ao espaço, constituindo-se em fixos e fluxos, isto é, localizações e itinerários” (CÔRREA, 2007b, p. 3). As formas presentes no espaço recebem simbolismo e tornam-se meios pelos quais a cultura é delineada (CÔRREA, 1995).

A publicação “Espaço e simbolismo”, elaborada por Côrrea (2012), versa sobre a dimensão simbólica do espaço, revelando uma geografia das formas simbólicas. Nesta direção, o geógrafo sublinha: “se as formas simbólicas refletem os significados estabelecidos, elas também

criam significados. Seu papel é duplo, marca e matriz de significados” (CÔRREA, 2012, p. 135), se fazendo presentes nos processos de criação das novas formas repletas de simbolismo.

No texto *Formas Simbólicas e Espaço: Algumas Considerações*, Corrêa (2007a) apresenta reflexões sobre as formas simbólicas, ressaltando a dimensão espacial. As formas simbólicas, materiais ou imateriais, são os signos compostos pelas relações entre os significantes e os significados. Por excelência, constituem representações da realidade, produzidas e perpetuadas pelos grupos sociais, podendo receber leituras distintas, uma vez que, um mesmo símbolo remete conteúdos e sentidos diferentes para cada indivíduo, na medida em que o simbolismo é vivenciado não só coletiva, mas individualmente.

Nessa sequência, a relação entre o símbolo e sua expressão podem denotar significados diversos (COSGROVE, 2004). Essa apreensão do significado de um símbolo pode ser mediada por uma experiência cultural (TUAN, 2012), provocando perspectivas peculiares dessas partes de um todo. Neste enquadramento, Fernandes (2010) acrescenta:

[...] cada pessoa carrega consigo o seu lugar por meio de vivências, familiaridade, afeição, pertencimentos e outras experiências. Essa gama de sentimentos é tecida ao longo do tempo e evocada, consciente e inconscientemente, a todo o instante, denotando que aquilo que somos e possuímos, resulta de nossa história, do mosaico de experiências que vivenciamos em nossa base territorial comum (FERNANDES, 2010, p. 62).

As experiências usuais vividas e sentidas no cotidiano, tecem o sentimento de pertencimento e amor, transformado em símbolo por meio das histórias e do transcorrer do tempo, passando a ser assimilado emocional e significativamente nas rotineiras trajetórias dos indivíduos e grupos sociais.

O pesquisador Joel Bonnemaïson em seu artigo “Viagem em torno do território” dedica uma fração do seu texto, ao espaço-símbolo, esse seria o espaço dos geossímbolos. Nesse eixo, um geossímbolo pode ser delimitado enquanto, *um lugar, um itinerário, uma extensão, que por razões religiosas, políticas ou culturais, aos olhos de certas pessoas e grupos étnicos, assume uma dimensão simbólica que os fortalece em sua identidade* (BONNEMAISON, 2002, p. 109).

Os símbolos alcançam maior força e luminosidade quando incorporados aos lugares. De acordo com Bonnemaïson (2002), os espaços da cultura são espaçosgeossimbólicos, permeados de afetividade e significações, espaços de “comunhão com um conjunto de signos e de valores” (BONNEMAISON, 2002, p. 111).

Nesta trilha, Moura (2000) desenvolve um artigo apresentando o simbólico em Cassirer, historiador da filosofia e dedicado ao mundo simbólico. Os símbolos devem ser reconhecidos como uma maneira efetiva de conhecimento relacionados à experiência vivida. Simbolizar indica aproximação entre objetos e ideias. Um símbolo emerge como “estruturação das relações do homem com o mundo” (MOURA, 2000, p. 77). A autora expõe a ideia de Cassirer, os símbolos são parte do mundo físico dos indivíduos. Para o pesquisador, “os símbolos pertencem ao mundo dos significados; logo, todas as relações simbólicas são relações significativas” (MOURA, 2000, p. 78). Baseados na estrutura social e cultural, criamos um “mundos de significados” (COSGROVE, 2012) e uma floresta de símbolos no decurso de nossas experiências, essa característica é iminentemente humana.

Nessa senda, alguns exemplos de símbolos podem ser arrolados a seguir como estátuas, cemitérios, templos, procissões dotados de grande significação para certos indivíduos e grupos sociais. Os parques temáticos e os shopping centers, na esfera do mercado, são produtos mercadológicos com conotações simbólicas (CÔRREA, 2010b; 2013a).

O geógrafo João Baptista Ferreira de Mello publicou em 2003, o artigo Símbolos dos lugares, dos espaços e dos “deslugares”, no qual realiza uma apurada reflexão concernentes aos símbolos, seus significados e diversas maneiras de interpretações.

Com efeito, para o entendimento dessas múltiplas perspectivas segue reflexões. Como visto, aos símbolos podem ser atribuídos diversas apreciações, a exemplo, os símbolos representativos, cada qual visto como marco/sinal do todo, efetivamente referência ao se pensar em determinado lugar. Nessa trilha se encontram a Torre Eiffel, o Pão de Açúcar, o Taj Mahal e a Estátua da Liberdade, verdadeiros cartões postais e centros turísticos, que sugerem e, mais do que isto, repletos de significados compõem um nicho de expressividade, de extraordinário alcance espacial e de bem querência (MELLO, 2003).

Sua antonímia, os anti-símbolos dos espaços são resquícios ainda presentes nos lugares, contudo, perderam sua função e significação, conformando marcas de um passado ou algo sem relevância para este ou aquele indivíduo ou grupo social,

porquanto exibidos como em uma espécie de vitrine, sem despertar maiores atenções, exceto a sensação de inutilidade de seus próprios artefatos, mas que persistem com formas sem funções ou significados, na medida em que seus lugares feneceram na voragem do tempo” (MELLO, 2003, p. 4).

Aqueles engendrados por valores, pela cultura das experiências humanas são os símbolos transcendentais, a exemplo dos templos católicos. Sua expressão simbólica surge das porções exteriores como a torre de uma igreja, todavia, “sua relevância é reconhecida por aqueles que não frequentam seus cultos, festas e reuniões, mas que a utilizam como indicador geográfico, transformado em símbolo do bairro vivido” (MELLO, 2003, p.4). Na mesma categoria podem ser inseridos outros exemplos, como, estádios ou ginásios esportivos que transcendem sua condição. Efetivamente, todo e qualquer símbolo exhibe transcendentalidade estando além da sua expressão tangível.

Na galeria dos não tangíveis temos as músicas e as danças, repletas de significação metamorfoseadas em símbolos nas mentes e corações por meio da permanência, da prática, da posse e da intimidade (MELLO, 2003).

As reminiscências pelo prosseguimento, antiguidade, interiorização, guardadas na memória e eternizadas tornam-se símbolos. Eles “aludem aos lugares, interiorizados, parte do ser como postulam os princípios fenomenológicos, ou dependendo dos valores individuais ou dos grupos sociais, esnobados ou achincalhados e, portanto, pertencentes aos espaços” (MELLO, 2002, p.5). Esses são os símbolos remissivos que evidentemente se referem a outros tempos.

Símbolos podem ser impostos por uma política ou pela mídia, e em seguida apreendidos nos percursos do dia a dia. Em seu artigo, “Simbólicas datas”, o geógrafo Mello (2010), apresenta símbolos ostentatórios, impostos por meio da reafirmação de simbólicas datas, notáveis no calendário, utilizadas como estratégia política para cunhar a expressividade e marca pretendida. O autor cita como um dos exemplos, a Avenida rio Branco na cidade do Rio de Janeiro,

inaugurada em 15 de novembro de 1905, mesma data da proclamação da República no ano de 1889 (MELLO, 2010). Esse seria um emblemático exemplar da prática citada.

A carga simbólica de determinados objetos podem advir de tempos pretéritos, muitas vezes gloriosos, de onde permanecem a significação através dos anos. São aqueles “símbolos permanentemente escorados e ressonantes valem-se do passado lendário para sustentar ou recuperar o brilho exibido outrora” (MELLO, 2003, p. 5). Isso ocorre com monumentos, prédios e bulevares.

A simbologia não se limita aos núcleos de querência, afeto, conagração, uma vez que espaços amplos, estranhos, distantes, repudiados e desprezados conformam-se como símbolos de rejeição (MELLO, 2003). Compreendendo o simbolismo enquanto “marco de uma ideia – tanto positiva quanto negativa – de um determinado elemento simbólico” (FERNANDES, 2014b, p. 3).

O simbólico floresce no contato entre pessoas, com canais de expressão, com a vivência dos lugares, com isso, “o “habitué” de um lugar se apropria, simbolicamente, dos logradouros, dos prédios e dos artefatos expostos pelo equipamento urbanístico” (MELLO, 2011, p. 10). Para Corrêa (1995),

símbolos e sentimentos são variáveis que podem conformar o espaço e que neste não se caracteriza apenas por atributos econômicos como, acessibilidade e amenidades. Caracteriza-se também por conter simbolismos que derivam de valores culturais que ali se acham enraizados (CORRÊA, 1995, p. 10).

O legado cultural colabora para a transformação de formas espaciais em símbolos materiais, modelando e mediando esse processo (CORRÊA, 1995). Neste horizonte, “os significados de muitos símbolos são orientados pela cultura” (TUAN, 2012, p. 44). Com efeito, e conseqüentemente, os símbolos são um produto da cultura (TUAN, 2012). Seus significados não estão alheios ao estoque de conhecimento produzido pelos seres humanos, mas criações nesse processo transmitido por outrem.

Nessa direção, a perspectiva humanística considera essencial priorizar o sujeito ressaltando a dimensão simbólica de indivíduos e grupos sociais, com seus paradoxos, ambigüidades, dilemas e apreços (MELLO, 2000). Com isso, “as ações humanas só podem ser

entendidas por meio de teorias que considerem seus significados, valores, propósitos, objetivos e aspectos subjetivos” (MELO, 2001, p. 32). Por isso, a tarefa desses geógrafos é árdua, pois não tratam com aspectos precisos, mas com características simbólicas e subjetivas.

O simbolismo surge quando um objeto, mesmo sendo inteiramente só ele mesmo, transmite um conhecimento de algo maior que vai além da sua própria condição. Nessa abrangência, a efervescência simbólica

resulta do incentivo cultivado pelo estoque de conhecimento e dos esforços emocional, ideológico ou intelectual. Decorre de acontecimentos corriqueiros e notáveis; do orgulho; das tradições e do bem comum ocorridos no chão dos ancestrais, fonte de vida; dos conflitos; das bênçãos dos céus; do sol e das tempestades; das façanhas; dos frutos; do suor; do regozijo; das permutas; das agruras e dos sonhos proporcionados nesses lares/lugares, apenas simbolicamente apropriados, cujas dimensões se perdem no horizonte e no íntimo de cada ser ou da coletividade (MELLO, 2008, p. 181).

Nesse plano de projeções simbólicas, os lugares, objetos, artefatos, alcançam patamares de intensos e profundos significados, “na experiência repetida no caminho do dia-a-dia de mera aparência física” (MELLO, 2011, p.10), transformam-se em difusor de significados. Todo símbolo não é apenas um código decifrável por ser dotado de sentimento, significado, valor, interiorização e introjeção (TUAN, 2013).

Símbolos podem ser como textos, tomados de mensagens simbólicas (CÔRREA, 2013b) interpretadas de diferentes formas pela experiência de cada um em sua *práxis*. “A capacidade interpretativa humana é infundável, produzindo mundos de significados” (CÔRREA, 2011b, p. 13), e somente os seres humanos possuem a capacidade metafórica de produzir essas novas interpretações (COSGROVE, 2012), como construções intelectuais para conferir sentido à vida. Por este ângulo, o comportamento humano é uma prática simbólica (WHITE, 1973 *apud* CÔRREA, 2012) criada pelos indivíduos e grupos sociais, refletindo e traduzindo a alma humana.

4 CONCLUSÕES

Enraizamento, identificação, lar, experiência, pertencimento, significado, essências, conteúdos e concepções ressaltadas pelo movimento da Geografia Humanística constituem temas envolvendo uma escala íntima remontando ao espaço propriamente experienciado, logo mundo vivido ou lugar.

No decorrer do presente artigo, as categorias de lugar e símbolo foram apresentadas no âmbito da geografia humanística, com base em seus preceitos e princípios, com o intuito de trazer um aprofundamento teórico e metodológico para as pesquisas interessadas na subjetividade humana.

Nesta trilha, a história da corrente humanística esteve elucidada em princípios do texto para o melhor entendimento do surgimento e dos objetivos deste horizonte de pensamento geográfico. Este artigo procurou mergulhar em uma apreciação teórica de conceitos importantes para o desenvolvimento de temas abordados nas investigações preocupadas com o entendimento do universo vivido das pessoas. Para tal as categorias de lugar e símbolo podem ser de grande valia e suporte na busca por uma humanização do pensamento geográfico.

O lugar, primeiramente, uma palavra-chave e conceito base (MELLO, 2002), à luz dos preceitos das filosofias do significado tais como a fenomenologia, o existencialismo, o idealismo e a hermenêutica se confunde com a própria trajetória da citada corrente (DANIELS, 1985, p. 145), sendo detalhado como essência para a geografia humanística (OLIVEIRA, 2012), através de diversos autores de destaque dessa ala, apresentado na sua expressão, como pausa e bem-querência, pertencimento e entendimento. Nos lugares, os homens atribuem significados aos objetos, artefatos, construindo símbolos.

Nessa direção, os lugares (CÔRREA, 2012), permeados de contornos simbólicos, transcendem a sua materialidade quando os homens lhe conferem significados nas suas vivências individuais e coletivas. A categoria se apresenta explicitada dentro de uma perspectiva humanística contribuindo para as análises de pesquisas no âmbito de uma geografia preocupada com o homem, com seus sentimentos, emoções, embates e experiências, visando compreender as “coisas mesmas” do nosso mundo vivido.

O conhecimento geográfico é compartilhado por toda a humanidade, não se encontra aprisionado aos geógrafos. Pois uma pessoa que explore o mundo ao seu redor, de alguma forma é um geógrafo (LOWENTHAL, 1985). Cabe aos humanistas descortinar essas geografias vividas, dando voz aos bilhões de amadores que por toda parte fazem e vivem geografia.

Neste desfecho, à geografia humanística cabe o importante papel de conhecer e interpretar o mundo cotidiano das pessoas com o intuito de valorizar os indivíduos e grupos sociais, o seu conhecimento e principalmente os seus lugares.

6 REFERÊNCIAS

BERDOULAY, V.; ENTRIKIN, J. N. Lugar e Sujeito: perspectivas teóricas. (Trad. Oswaldo Amorim Filho) In: MARANDOLA JR, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (orgs.). *Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

BONNEMAISON, J. Viagem em torno do Território. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). *Geografia Cultural: um século (3)*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

BUTTIMER, Anne. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: Difel, 1985.

CHAVEIRO, E. F. Corporeidade e Lugar: elos da produção da existência. In: MARANDOLA JR, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (orgs.). *Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

CORRÊA, Roberto Lobato. A dimensão cultural do espaço: alguns temas. *Espaço e Cultura*, Ano I, out., 1995.

_____. Formas simbólicas e espaço algumas considerações. *GEOgraphia*, Ano IX, n. 17, 2007a.

_____. Formas simbólicas espaciais e política. In: Simpósio de Geografia Cultural. Buenos Aires, 2007b.

_____. Processo, Forma e significado – uma breve consideração. In: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.

_____. Espaço: um conceito-chave da geografia. In: CASTRO, I.; GOMES, P. C.; CORRÊA, R. (Orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010a.

_____. Parques Temáticos – uma forma simbólica do capitalismo avançado. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). *Economia, Cultura e Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010b.

_____. Espaço e Tempo – Um tributo a Mauricio de Abreu. In: *Cidades*, v. 8, n. 14, 2011a.

_____. Denis Cosgrove – a paisagem e as imagens. In: *Espaço e Cultura*, UERJ, RJ, n. 29, p. 7-21, jan./jun. 2011b.

_____. Espaço e Simbolismo. In: CASTRO, I.; GOMES, P. C.; CORRÊA, R. (Orgs.). *Olhares Geográficos: modos de ver e viver o espaço*. Rio de Janeiro: Berthard Brasil, 2012.

_____. Formas simbólicas espaciais: o shopping center. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). *Geografia Cultural: uma antologia (2)*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013a.

_____. Monumentos, política e espaço. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). *Geografia Cultural: uma antologia (2)*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013b.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

_____. Mundos de significados: geografia cultural e imaginação. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). *Geografia Cultural: uma antologia (1)*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

DANIELS, S. Arguments for a humanistic geography. In: JOHNSTON, R. J. *The future of Geography*. London: Methuen, 1985.

FERNANDES, Marcio Luis. *Decodificando geografias pretéritas e hodiernas de ilha de Guaratiba*. Dissertação (Mestrado em Geografia). PPGeo-UERJ, 2010.

_____. Um outro horizonte em busca da humanização da geografia. In: *Geograficidade*, v. 4, n. 1, verão, 2014a.

_____. Descortinando o universo simbólico d um lugar. In: *Revista Perspectiva Geográfica*, n. 11, v. 9, 2014.

HOLZER, Werther. *Um estudo fenomenológico da paisagem e do lugar: a crônica dos viajantes no Brasil do século XVI*. (Tese de Doutorado). São Paulo, USP, 1998.

_____. O lugar na geografia humanista. In: *Revista Território*, Ano IV, n. 7, p. 67-78, jul./dez.,1999.

_____. O método fenomenológico: humanismo e a construção de uma nova geografia. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). *Temas e Caminhos da Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

_____. A geografia humanista: uma revisão. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). *Geografia Cultural: uma antologia (1)*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012a.

_____. Mundo e Lugar: ensaio de geografia fenomenológica. In: MARANDOLA JR, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (orgs.). *Qual o espaço do lugar? : geografia, epistemologia, fenomenologia*. São Paulo: Perspectiva, 2012b.

HORNEBECK, D. ETAL. The Way We Were – Deployments (and Redeployments) of Time in Human Geography. In: E. Earle et Al. Lanham Rowan and Littlefield. *Concepts in Human Geography*. 1995.

LEITE, Adriana Filgueira. O Lugar: Duas Acepções geográficas. In: *Anuário do Instituto de Geociências – UFRJ*, v.21, 1998.

LOWENTHAHL, D. Geografia, Experiência e Imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: Difel, 1985.

MARANDOLA JR, E. Da existência e da experiência: origens de um pensar e de um fazer. In: *Cadernos de Geografia*, Belo Horizonte, v. 15, n. 24, p. 49-67, 2005.

_____. Lugar Enquanto Circunstancialidade. In: MARANDOLA JR, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (orgs.). *Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

_____. Fenomenologia e pós-fenomenologia: alternâncias e projeções do fazer geográfico humanista na geografia contemporânea. In: *Geograficidade*, v. 3, n. 2, inverno, 2013.

MELLO, João Baptista Ferreira de. *Dos espaços da escuridão aos lugares de extrema luminosidade – o universo da estrela Marlene como palco e documento para a construção de conceitos geográficos*. (Tese de Doutorado). Rio de Janeiro: Departamento de Geografia, UFRJ, 2000.

_____. Descortinando e (Re)Pensando categorias espaciais com base na obra de Yi-Fu Tuan. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). *Matrizes da geografia cultural*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

_____. A Restauração dos Lugares do Passado. In: *Geo UERJ*, Revista do Departamento de Geografia, UERJ, RJ, n. 12, p. 63-68, 2002.

_____. Símbolos dos lugares, dos espaços e dos “Deslugares”. In: *Revista Espaço e Cultura*, NEPEC/UERJ, 2003.

_____. Valores em geografia e o dinamismo do mundo vivido na obra de Anne Buttimer. In: *Revista Espaço e Cultura*. NEPEC/UERJ, n. 19-20, p. 23-32, 2005.

_____. Os Tambores e as Flechas de São Sebastião do Rio de Janeiro. In: *Revista Imaginário e Arte*, São Paulo, n.15, 2007.

_____. O Rio dos símbolos oficiais e vernaculares. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). *Espaço e Cultura: pluralidade temática*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

_____. Simbólicas Datas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). *Temas e Caminhos da Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

_____. A Humanística perspectiva do espaço e do lugar. In: *Revista ACTA Geográfica*. Ano V, n. 9, jan./jun., 2011.

_____. O triunfo do Lugar sobre o Espaço. In: MARANDOLA JR, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (orgs.). *Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

MELO, Vera Mayrinck. Paisagem e Simbolismo. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). *Paisagem, Imaginário e Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

MOORE, Adam. Rethinking scale as a geographical category: from analysis to practice. In: *Progress in Human Geography*. Ed. Sage Publications, n. 32 (2), p. 203-225. 2008. Disponível em: <http://phg.sagepub.com/content/32/2/203.refs>.

MOURA, Marinaide Ramos. O simbólico em Cassirer. In: *Ideação*, Feira de Santana, n. 5, jan./jun. 2000.

NOGUEIRA, Amélia Regina. Lugar como a representação das existências. In: HEIDRICH, A.; COSTA, B.; PIRES, C. (Orgs.). *Maneiras de Ler: geografia e cultura*. Porto Alegre: Imprensa Livre: Campasso Lugar Cultura, 2013.

OLIVEIRA, Livia de. O Sentido de Lugar. In: MARANDOLA JR, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (orgs.). *Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

_____. Sentidos de Lugar e de Topofilia. In: *Geograficidade*. V. 3, n. 2, inverno 2013.

PÁDUA, Letícia Carolina Teixeira. A Geografia de Yi-Fu Tuan: Essências e Persistências. (Tese de Doutorado). São Paulo, Departamento de Geografia - USP, 2013.

RELPH, Edward. Reflexões sobre Emergência, Aspectos e Essência de Lugar. In: MARANDOLA JR, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (orgs.). *Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

SARAMAGO, Ligia. Como Ponta de Lança: o pensamento do lugar em Heidegger. In: MARANDOLA JR, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (orgs.). *Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

TUAN, Yi-Fu. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: Difel, 1985.

_____. *Escapism*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1998.

_____. Espaço, Tempo e lugar: uma arcabouço humanista. In: *Geograficidade*. V. 1, n. 1, Inverno, 2011.

_____. *Topofilia*: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: Eduel, 2012.

_____. *Espaço e lugar*: a perspectiva da experiência. Londrina: Eduel, 2013.

_____. Space and Place 2013: Espaço e Lugar 2013. In: *Geograficidade*. V. 4, n. 1, verão, 2014.